

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

***ANTI MAPPING***  
***O Simulacro como Criador de Sistemas***

**Mariana Madeira**

**Relatório para a obtenção do grau de Mestrado em  
Comunicação, Cultura e Artes  
(Especialização em Imagem)**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:  
Renata de Araújo  
Alexandre Barata**

**2014**

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

***ANTI MAPPING***  
***O Simulacro como Criador de Sistemas***

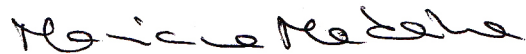
**Mariana Madeira**

**Relatório para a obtenção do grau de Mestrado em  
Comunicação, Cultura e Artes  
(Especialização em Imagem)**



**Declaro ser a autora deste trabalho que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.**

**Mariana Madeira**

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Mariana Madeira', written in a cursive style.

**A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.**



**Ao João, à Lilian e à Lara**



## **Resumo**

Este relatório trata de uma pesquisa artística que se manifesta num conjunto de exposições realizadas no Rio de Janeiro e em Faro. O processo de pesquisa aborda os conceitos de território e simulacro. É através de uma visão pessoal, que se baseia em emoções e sensações, que se cria um território alternativo àquele em que se vive, que só é possível dentro de um mundo imaginário e fictício. É esta ficção que conduz todo o processo artístico. É no âmbito deste trabalho ficcional que surgem várias questões acerca dos limites entre simulacro e realidade. Até que ponto estes se aproximam e se afastam, e em que medida são opostos? Qual o critério para configurar um como real e o outro como falso? Ao mesmo tempo, surge a necessidade de se criar um sistema para este mesmo simulacro funcionar que se converte na principal demanda para a existência deste território. O território acaba por ser assim um elemento invisível, sem identidade e causa de ser, o que o transforma num alibi do próprio sistema ficcional.

Palavras-chave: território, simulacro, ficção, sistema

## **Abstract**

This report is an artistic research embodied in a set of exhibitions in Rio de Janeiro and Faro which process revolves around the concepts of territory and simulacrum. An alternative territory only possible on an imaginary and fictitious world in opposition to the one we live is created based on emotions and sensations filtered through a personal view. This fiction is what leads all the artistic process. In the context of this fictional work, several questions regarding the boundaries between reality and simulacrum arose, at which level these two concepts approach or differ and at which extent are the opposite? What is the norm to define one as real and the other as fake? At the same time, the need to create a system for this simulacrum to work emerges and this system becomes the main demand for the existence of this territory. Consequently, the territory ends up being an invisible element without cause or identity, becoming an alibi of its own fictional system.

Key-words: territory, simulacrum, fiction, system



# Índice

11 **Introdução**

**Parte I – Percursos**

- 15 Faro – NANO (via Rio de Janeiro)  
16 Rio de Janeiro – Universo (via NANO)  
18 Santa Teresa – NANO  
25 Jardim Botânico – Corpo sem Órgãos  
31 Leblon – Dois Irmãos  
41 Rio de Janeiro - Pernambuco

**Parte II – Configuração**

- 45 Terminal NANO

**Parte III – Exposições**

- 57 Mapping  
76 “There’s not out there another world where everything’s gonna be okay. There is just this one. Just this rock.”  
83 Survival Conditions  
96 Mapland

111 **Conclusão**

125 **Bibliografia**



## Introdução

“É tudo uma ilusão. Tudo o que ouves, tudo o que vês. Tanto para vomitar. Eles apenas continuam a vir, um após o outro. Estás dentro de uma caixa. Uma caixa em movimento. Eles querem-te morto. Ou que acredites nas suas mentiras. Há uma coisa que o homem pode fazer. Encontrar algo que seja unicamente seu. Construir uma ilha para si mesmo.” Estas são as palavras de uma personagem do filme “Barreira Invisível” de Terrence Malick. Esta personagem é um sargento de um comando militar em zona de guerra que acaba o filme proferindo aquilo que o homem pode fazer, depois de ter assistido a tantas perdas de vida e à destruição de territórios. Este filme é uma narrativa acerca de um território onde tudo se perde, os valores são substituídos pelo niilismo e os sonhos prometidos acabam por morrer num ambiente de caos. A proposta do sargento é a de criarmos os nossos próprios territórios. Esses territórios podem ser abstratos, míticos ou utópicos, apesar de surgirem ao pensamento como reais e nossos.

O objeto deste projeto começou por ser uma reflexão sobre a materialização dos territórios abstratos que podem partir de ideias, conceitos ou impulsos emocionais, ou indo ainda mais longe, de reações a esses territórios idiossincraticamente fechados sobre si próprios e numa falsa ilusão de movimento. Assim, propus a criação de territórios que questionem a história e a evolução do território-caixa onde vivemos e em que habitamos presentemente. Que pressupostos se adivinham neste pensamento? Não só os artistas como toda a humanidade tem de viver todos os dias no seu espaço, na sua cultura, nos seus valores e rituais mas estes estão em permanente questionamento (transformação, mutação) e nada é seguro ou estável no seu funcionamento.

A crise atual ainda reforça mais estas questões, às quais se tem acrescentado uma drástica desorientação global em relação ao espaço em que vivemos, nomeadamente no mundo ocidental. Todo o homem tem direito a visualizar o seu próprio território para poder sobreviver ao real. Os artistas são aqueles que podem tornar possível o território imaginado, partindo da visualização e chegando à matéria. É esta que vai consubstanciar estes mesmos territórios e transformar esta imaginação em algo real e ativo. “Fugir, não é de todo renunciar às ações, não há nada mais ativo

do que uma fuga. É o contrário do imaginário. (...) Fugir, é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobrem mundos através de uma fuga quebrada.”<sup>1</sup>.

No entanto, esta fuga não só permite criar e conhecer novos territórios, como também desterritorializá-los. Quando partimos para um novo território, trazemos sempre pedaços do(s) território(s) anteriores. “Há sempre uma maneira de se re-territorializar na viagem, é sempre o nosso pai e a nossa mãe (ou pior) que encontramos em viagem.”<sup>2</sup>. A linha de passagem entre o território que está atrás de nós e aquele para que partimos (o que criamos, neste caso) é assim, questionada. Até onde o território imaginário e o território real se cruzam e se distanciam?

A arte, através da sua história, tem realizado várias propostas de objetos e espaços que rivalizam com o quotidiano que nos é apresentado e com as regras nele estabelecidas.

Esta foi a minha proposta enquanto estava traçar o projeto de tese em Portugal: fazer uma recolha de materiais e matérias que habitam o espaço quotidiano e com eles criar as “ilhas” ou a “nova terra” que a personagem ficcionado por Malick propõe, até porque “é possível que o movimento da terra seja a própria desterritorialização.”<sup>3</sup>.

No seguimento desta reflexão decidi transformar estas ideias numa vertente prática, através de um intercâmbio entre a minha universidade, a Universidade do Algarve, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este relatório descreve as etapas desta pesquisa realizada sob a orientação do Prof. Guto Nóbrega e teve o seu decurso dentro do território brasileiro, assim como os seus conceitos e os resultados que obtive. A sua estrutura divide-se em três partes que explicam o processo de pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, as ideias que daí surgiram e a produção artística que foi realizada.

Na Parte I – Percursos, é relatada a minha chegada ao Brasil, a primeira reunião com o Prof. Guto Nóbrega e as ideias que trocámos, e a apresentação do espaço onde eu iria trabalhar: o laboratório NANO, que realiza pesquisas artísticas que combinam arte, ciência e tecnologia. Seguidamente, é descrito o meu processo de trabalho nesta fase inicial, que se define por um conjunto de caminhadas pela cidade,

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles; PERNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'Água. 29004. P.51

<sup>2</sup> IDEM, *Ibidem*, Ob. Cit. p. 53

<sup>3</sup> IDEM, *Ibidem*. Ob. Cit. p. 52

com o propósito de observar tudo aquilo que me rodeava. O que mais suscitou o meu interesse foram os fatores meteorológicos, de onde retirei várias ideias a partir das quais enveredei para um tipo de investigação mais metafórica e fantasiada. Os últimos quatro sub-capítulos dão uma especial importância aos fatores climáticos, dividindo-se em quatro temas: água, terra, ar e fogo. Estes elementos foram pesquisados (através desta maneira metafórica) em lugares específicos da cidade do Rio de Janeiro, que influenciaram, por sua vez, a minha própria reflexão sobre os elementos da natureza e do clima.

Posteriormente, a Parte II – Configuração, relata a fase da minha pesquisa que esteve mais ligada ao laboratório NANO, que consiste num grande processo de recolha dentro da Ilha do Fundão (onde se situa este laboratório) e as produções artísticas realizadas a partir desse material recolhido, que redundaram essencialmente em objetos escultóricos. É também neste capítulo que a estrutura do projeto se torna mais concreta; é aqui que, seguindo as ideias surgidas a partir dos percursos narrados no capítulo anterior, se define a sua pretensão: a criação de uma “cidade” fictícia. Criação entendida no sentido literal, de imaginação, ideia, que quase se opõe à própria concretização. Uma “cidade” a ser continuamente inventada pelas próprias referências que fossem surgindo dela.

O capítulo seguinte, Parte III – Exposições, descreve as exposições em que participei em três lugares do estado do Rio de Janeiro: o Espaço Vórtice da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Centro Cultural Municipal Sérgio Porto e a “Galeria” do SESC de Nova Friburgo. Nestas mostras apresentei a minha produção artística elaborada no NANO, que se integrava dentro deste conceito de cidade fictícia. As obras são aqui descritas mais aprofundadamente tanto conceptual como formalmente. Também neste capítulo se encontram outros pontos de reflexão sobre a cidade que imaginei, que se refletem nas três exposições que oferecem diferentes visões do projeto. O último sub-capítulo descreve a última exposição deste processo, já realizada em território português. No meu retorno, despendi alguns meses aprofundando os conceitos que tinha explorado na minha estadia no Brasil e nas exposições lá realizadas. Nesse tempo, também comecei a aprender alguns conceitos e aspectos técnicos de electrónica, que foram incorporados neste projeto de cidade fictícia, na exposição “Mapland”. Este é o título da última exposição apresentada na Galeria Trem, e que é por um lado, uma síntese de toda a pesquisa realizada no Rio de

Janeiro e, por outro lado, é uma apresentação mais alargada e desenvolvida em termos visuais do sistema criado para esta cidade fictícia.

A conclusão reflete toda esta experiência e analisa algumas questões levantadas por este trabalho.

## Parte I – Percursos

### Faro - NANO (via Rio de Janeiro)

No dia 20 de Janeiro de 2013 parti para a cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de fazer esta pesquisa no Laboratório NANO, espaço de pesquisa inserido na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A 24 de Janeiro aconteceu a minha primeira reunião com o professor Guto Nóbrega, que me iria orientar durante estes seis meses de estadia no Brasil. Nessa manhã expliquei-lhe o que pretendia com o meu estudo: investigar uma maneira de conseguir criar uma ilha autónoma do mundo concreto, seguindo a sugestão do sargento Edward Welsh, a personagem do filme de Malick. Seguidamente ele apresentou-me o laboratório onde eu iria fazer esse trabalho: o NANO. Este local de investigação “tem por finalidade desenvolver pesquisas pratico-teóricas na área das artes com foco específico em sua interseção com a tecnologia e a ciência.”<sup>4</sup> Neste espaço são realizadas numerosas experiências. Delas resultam organismos híbridos que se balançam entre o artificial e o natural. Por meio da tecnologia, estes hiperorganismos funcionam de acordo com os conceitos que criam. O laboratório é coordenado por Guto Nóbrega e Malu Fragoso, e o seu interesse é “mapear e investir na análise de processos criativos contemporâneos com objetos técnicos”, assim como “refletir sobre o conceito de “hiperorganismos”, derivados da prática contemporânea de arte assistida pelas tecnologias da comunicação/informação”. Daí resulta uma pesquisa teórica e prática sobre “processos de criação artísticos com ênfase na hibridação de sistemas orgânicos naturais e artificiais”<sup>5</sup>. Esta linha é inspirada pelas ideias de Roy Ascott, um artista e teórico britânico que trabalha com arte cibernérica e pesquisa sobre os impactos que as telecomunicações têm na nossa consciência. Ascott fundou o *Planetary Collegium*, sediado na Universidade de Plymouth, promovendo a integração entre arte, ciência, tecnologia e pesquisa da consciência. Esta plataforma abrange várias parcerias internacionais, comportando assim outras sedes fora de Inglaterra, que continuam o trabalho realizado pelo *Planetary Collegium*. Assim sendo, o laboratório NANO foi criado com o propósito de ser um núcleo dentro do Rio de Janeiro onde é possível

---

<sup>4</sup> NANO – NANO in <http://www.nano.eba.ufrj.br/nano/>.

<sup>5</sup> NANO – *Hibridações Experimentais em Arte e Tecnologia* in <http://www.nano.eba.ufrj.br/nano/linhas-de-pesquisa/hibridacoes/>

realizar estas pesquisas consolidadas com as teorias de Ascott e o *Planetary Collegium*.

A minha pesquisa anterior debruçava-se essencialmente em elementos electrónicos que já não funcionavam, o que me levou a produzir trabalhos com materiais obsoletos como televisões, rádios, computadores e outros dispositivos que já não realizavam as funções necessárias aos humanos. Neste projeto, o meu interesse era continuar a elaborar peças ligadas à electrónica, mas rejeitando a sua funcionalidade e atividade. Não obstante estarmos a pisar territórios comuns, o professor e eu discutimos o modo de funcionamento dos organismos que eu iria criar, ou melhor, se faria algum sentido criar algo que funcionasse efetivamente, já que o meu propósito era criar uma ilha fictícia, em que os seus critérios de funcionalidade só faziam sentido dentro desta. Ainda que o âmbito do meu projeto tivesse estas diferenças com o trabalho produzido pelos coordenadores e investigadores do NANO, chegámos a um entendimento, acreditando que esta colaboração poderia ser bastante enriquecedora, pois os nossos conceitos e princípios estavam em concordância. De algum modo, a ilha por mim criada iria funcionar dentro de uma tecnociência também inventada por mim, e com o intuito comum de criar organismos potencialmente conectados com o mundo de uma nova maneira.

### **Rio de Janeiro - Universo (via NANO)**

No decorrer do meu trabalho neste novo espaço laboratorial, foquei-me no novo território em que estava a habitar: a cidade do Rio de Janeiro, ou numa escala ainda mais ampla, território do Brasil, território da América do Sul, território do Planeta Terra, território do sistema solar, território da Via Láctea, território do Universo. Consequentemente, para mim, este novo espaço habitacional começou por ser um outro laboratório, mais extenso que o NANO. Enquanto utilizava este último para fazer as minhas experimentações e para manipular os materiais plásticos, a aquisição do material e a inspiração que buscava para realizar esta pesquisa eram procurados no amplo laboratório da cidade. Toda a minha atenção se focou neste novo território, o que iria ser decisivo quanto ao meu processo de recolha. Era a própria cidade que me oferecia todos os dados que poderiam ser explorados no NANO, que se iria destinar ao processo de experimentação da informação adquirida e recolhida no território mãe.

A primeira etapa passou por um questionamento de como iria desmembrar todo aquele território (Rio de Janeiro), ou seja, quais seriam os meus critérios de seleção para recolher elementos que fossem pertinentes para a minha pesquisa. Depois de um mês em que passei dias seguidos a visitar diversos lugares da cidade e a confrontar-me com uma cultura diferente que me apresentava novas situações, comecei a refletir sobre os pontos que para mim eram mais significativos. Este processo passou por várias etapas dentro desta visita da cidade: compreender como ela está organizada topograficamente e entender o modo como os seus variadíssimos bairros estão distribuídos. Noutra escala ainda mais aproximada, comecei a fotografar o seu solo, a sua vegetação, os seus seres vivos e a investigar os efeitos que o clima, material e esteticamente, produz. O quotidiano passou a ser o vector principal deste processo, revelando todos os dias novos elementos que eu poderia extrair da cidade vendo-a como um todo, nas suas diversas escalas. Os seus componentes variavam entre diferentes tipos de matérias orgânicas, artificiais, conceptuais, concretas e abstratas. Desde os percursos que fazia a pé ou nos ônibus de um ponto a outro, ao tempo meteorológico que mudava muito rapidamente, aos vários tipos de matéria-prima que de vários modos surgiam, às sensações provocadas pelas alterações de clima, etc. Em suma, o procedimento desta fase foi percorrer o máximo que pude este território e tentar extrair dali vários dados que depois iriam ser estudados no outro laboratório, num outro contexto.

Posteriormente a esta busca, esta base de dados seguiria para o NANO para dar início a uma série de experimentações de novas relações e conceitos. Aqui despoleta uma nova questão: como desterritorializar todos estes “pedaços de território” que recolhi? A minha pretensão era, para além de buscar conteúdos dentro da cidade que pudessem ser relevantes para o meu projeto, investigá-los segundo uma visão muito pessoal, e daí criar objetos que oferecessem uma nova identidade a estes mesmos conteúdos. O meu propósito não era fazer uma pesquisa científica e fundamentada sobre os elementos recolhidos, mas sim extraí-los do seu mundo original e levá-los para um outro terreno, adquirindo outros significados. Para isso, eu precisava de criar novas regras e novos conceitos dentro deste novo terreno, elaborando assim um sistema que se apropriava do território antigo mas que transformaria estes objetos numa outra coisa. Para que isto fosse possível criei uma espécie de laboratório fictício, de modo a que conseguisse investigar as ligações entre os vários elementos e o resultado criado por estas novas relações. Este localizava-se

dentro do NANO e passou a ser como que um “worm hole” que possibilitava a passagem destes dois mundos: um deles seria o espaço onde eu realizava a recolha destas matérias e sensações, e o outro, o laboratório onde estes elementos seriam novamente reinventados segundo uma nova ordem. Todo o Rio de Janeiro que eu absorvi estava agora transformado num outro território: um laboratório que o armazenava fechando-o numa outra possibilidade, não podendo voltar a ser o que era antes.

Depois deste processo de desterritorialização, em que elementos de um território se mudam do seu local de origem para se inserir noutra, chega-se ao problema da identificação e do enraizamento destes no seu local de destino. Assim uma nova questão surge: como re-territorializar estes elementos? Para que um objeto que é recolhido no seu mundo original se insira num outro, onde vai obter uma nova identidade (neste caso, uma identidade inventada), é preciso também criar alguma forma de comunicação entre o seu novo local de destino e as suas características de origem. Assim sendo, além de pensar nestes objetos, teria de refletir sobre uma estrutura que os incorporasse e os ligasse de alguma maneira, dando a sensação que estes realmente tinham nascido dentro deste novo lugar fictício.

Estas questões foram sendo desenvolvidas à medida que realizava a minha recolha de dados através dos meus deslocamentos pela cidade, que usavam a técnica de “andar à deriva”. Esta era uma prática que vários autores dentro do campo das artes e da filosofia (como por exemplo Guy Debord e os situacionistas) acreditavam ser a melhor maneira para se conhecer uma cidade. Nestas derivações, acabei por me interessar mais pelos fatores meteorológicos do Rio de Janeiro. No entanto, a minha visão sobre estes também era influenciada por outros elementos da cidade, embora tenham sido estes os fatores primordiais nesta fase da minha pesquisa.

### **Santa Teresa - NANO**

Um dos fatores meteorológicos que mais se tornou relevante para o meu trabalho foi o conjunto de tempestades que assinalaram o fim da época balnear. Como ponto de partida, filmei o temporal do dia 5 de Março de 2013 e registei a área que a luz dos raios ocupava no céu, e o modo como ela influenciava as cores do “concreto”, ou seja, a superfície de betão de que é feita a cobertura da maioria dos edificios. Santa Teresa é um morro alto e eu nessa altura vivia lá, numa casa que tinha uma varanda

onde conseguia observar mais aproximadamente o céu. Captei cerca de 8 minutos do temporal, conseguindo uma perspectiva de um conjunto de edifícios situados no asfalto, os morros que se situavam atrás destes e os raios que se manifestavam na atmosfera. De volta ao NANO, retirei frames da filmagem e obtive várias sequências de cada raio (fig. 1). Dessas imagens criei mapas que mostram de forma milimétrica o modo como a trovoadas e o “concreto” se relacionavam no espaço. Os edifícios estão encobertos pela escuridão quando os raios se ausentam, pois dependiam da iluminação destes para revelarem a sua existência. Nas imagens abaixo, podemos ver como este surgimento de luz cria novas formas dentro do campo visual dos edifícios. Os mapas acabam por se transformar num outro território à parte, aproveitando a natureza deste fenómeno meteorológico, mas criando um outro espaço que pretendia ter uma autonomia individual da sua origem. O “concreto” aqui foi transformado em conjuntos de quadrados perfeitos, dentro deste espaço milimétrico, preenchidos a vermelho (fig. 2). Os relâmpagos foram delineados a grafite; nalguns exemplos estão distantes da área vermelha, e noutros já invadem este espaço alheio. O desmembramento deste acontecimento fenomenológico já começa a mostrar uma maneira de manipular um dos elementos da cidade. Ou talvez se possa dizer que não tenha sido especificamente o elemento que foi manipulado mas sim, aquele preciso momento que manifestou aqueles precisos raios conjuntamente com aquelas precisas condições meteorológicas. Esse momento foi registado segundo a minha visão pessoal, que me levou a criar uma outra situação a partir desta. Deste modo, esta precipitação não foi investigada conjuntamente com outras, que são tão vulgares no tipo de clima tropical, mas sim isoladamente, como se a sua individualidade fosse suficiente para se compreender a essência destes fatores climáticos.

O mapeamento é a forma como um cartógrafo pode pegar num território, num facto ou num acontecimento, e submetê-lo a uma leitura de síntese que, diminuindo a sua escala, permite que este possa ser manipulado para uma outra linguagem que não é a sua linguagem natural. No dia 5 de Março, o temporal invadiu completamente a cidade, afirmando uma autonomia de tal dimensão que era impossível alguém se alhear dela.